

BETAR & ARTES & LETRAS

#166 | JULHO | 2024

cinema ao ar livre

começa a temporada
em vários espaços fantásticos

B
Betar

B Desde 1973 na vanguarda da engenharia



Cervejaria Trindade, Lisboa

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Com o mês de julho chegam os dias mais longos e a vontade de estar fora de casa até mais tarde. Começa a temporada do cinema ao ar livre, com várias propostas em espaços fantásticos como o Carmo Rooftop, a Doca da Marinha, a Quinta das Conchas, a Igreja da Graça ou a Esplanada da Cinemateca. No teatro, destaque para o regresso do Festival de Almada e também para as peças “Mulheres de Shakespeare”, em cena no São Luiz e “Cicatrizes”, uma produção do Teatro de Carnide. Nas artes sugerimos “Tesouros na palma da mão”, no Museu do Oriente; “Cidade, Casa, Corpo - Os Mapas e a Linguagem”, na Casa da Arquitectura; e ainda “60 Anos da Galeria 111” uma mostra com mais de 200 obras representativas dos 60 anos de história da galeria e da coleção privada de Manuel de Brito. Dos muitos espetáculos musicais espalhados pelo país, damos relevo às “Tardes de Jazz 2024”, no Mirajazz Porto; ao festival “Jardins do Marquês”, em Oeiras; “Músicas de uma Noite de Verão”, na Praça de Campolide; e ao Cooljazz, no Hipódromo Manuel Possolo. No Coliseu dos Recreios atuam “The Cult” e no Teatro Carlos Alberto haverá um espetáculo de dança orientado por dois coreógrafos internacionais: Akram Khan e Jermaine Spivey.

A entrevista desta edição é com os Arqs. Francisco Pinto Basto e Filipa George, da LOA_D, que nos falam um pouco da sua experiência. E não poderíamos deixar de homenagear o Arq. José Forjaz, de quem nos despedimos no final do mês passado. À sua família os nossos respeitosos pêsames.



José Pedro Venâncio

editor convidado

BETAR

A Betar realizou o projeto de fundações e estruturas deste edifício destinado à hotelaria, composto por apartamentos de diversas tipologias, ginásio, SPA e kids club



edifício apresenta dois pisos enterrados; um piso térreo, ligeiramente sobrelevado; três pisos elevados e cobertura em terraço. O embasamento tem uma planta de forma, aproximadamente, quadrada e os pisos elevados são em forma de “U”, aberto no topo Sul, para prolongamento do jardim do pátio interior. Na estrutura vertical resistente do edifício as paredes e os pilares são de betão armado. A solução geral dos pavimentos é constituída por lajes fungiformes maciças com capitéis aparentes. Nas zonas comuns do piso 0, com vãos maiores, criaram-se nervuras maciças em betão armado pré-esforçado. As fundações são diretas por sapatas assentes sobre os afloramentos do maciço basáltico, que ocorrem em cerca de metade da área de implantação do edifício e, indiretas, por estacas curtas de betão armado, na restante área.

Hyatt Regency Lisbon, Portugal

Projeto: 2017
Obra: 2022
Cliente: Real Tejo –
Hotelaria e Turismo S.A.
Área: 4700m²
Âmbito: Fundações e
estruturas
Fotografia: Rodrigo Cabral

À CONVERSA COM



Francisco Pinto Basto e Filipa George

“Os projetos são feitos todos em conjunto, desde o conceito, onde prezamos muito a opcionalidade. (...) Um projeto não tem uma solução, tem várias. Aconselhamos a opção que preferimos, mas damos sempre outras”

FRANCISCO PINTO BASTO E FILIPA GEORGE

Falem-nos um pouco do início da carreira e do que vos levou a avançar com a LOA_D?

Francisco: Na faculdade tive professores ótimos como os irmãos Aires Mateus, Carrilho da Graça, Inês Lobo. Depois fiz um estágio no atelier dos arquitetos João de Almeida e Pedro Ferreira Pinto, onde surgiram convites para entrevistas em ateliers internacionais, um era no Brasil e o outro era o do Norman Foster. No dia em que reuni com eles perguntaram-me se queria começar no dia seguinte. Pedi duas semanas para me organizar e mudei-me para Londres, era irrecusável. Foi uma experiência incrível, com projetos de larga escala e pessoas que pensam “fora da caixa”. Fui associado, desenvolvi, entre outros, projetos para vários aeroportos, um deles do início ao fim, que foi o aeroporto do Panamá. Regressei a Portugal em 2017 e abri a Pinto Basto Architecture. Arranjei o meu primeiro cliente, depois outro e outro, até que fiquei sem capacidade para fazer tudo sozinho. Desafiei a Filipa para o projeto de um apartamento de traça antiga na Rua São João da Mata, que correu lindamente, e depois decidimos juntar forças e criámos a LOA_D.

Filipa: Conhecemo-nos em Londres, na Foster + Partners. Eu estive lá 4 anos, depois fui para a KPF (Kohn Pedersen Fox Associates) atelier de Nova Iorque com sucursal em Londres, onde fiz sobretudo escritórios. Estive lá 2 anos e meio e decidi vir para Portugal, para a Broadway Malyan Escritório de Lisboa, onde fui associada e estive à frente de vários projetos de

hotelaria, residenciais e interiores. Geri equipas em Madrid e Lisboa e desenvolvi experiência em licenciamentos. Na LOA_D fazemos muitos edifícios residenciais, mas já estamos a começar a fazer escritórios e gostávamos de entrar no turismo e noutros setores. Estamos a fazer um projeto de um loteamento na Avenida Alfredo Bensaúde, com a Betar. Está em concurso e a experiência tem sido ótima. Temos uma parceria oficial com um atelier espanhol, a Ortiz Leon, que é especialista em sustentabilidade, uma área em que queremos entrar em Portugal. Ganhámos, com eles, o concurso da Marina de Vilamoura e todos os projetos que desenvolvemos no atelier são acompanhados de certificações de sustentabilidade, que é um sistema de créditos onde já temos alguma experiência.

Quais as principais diferenças entre o Reino Unido e Portugal?

Francisco: Nós temos arquitetos espetaculares, e muito acima da média, mas em Portugal, muito por culpa da economia, construímos da mesma maneira há 50 anos, as tecnologias avançam mas continua a ser tudo à base de betão e alvenarias, a evolução não foi gigantesca. As pessoas não estão educadas em relação à arquitetura. Em Londres as pessoas percebem o papel do arquiteto e do engenheiro. O mercado em Portugal podia ser mais segmentado e abrangente, mas o nosso sistema é muito complexo, a burocracia atrasa imenso os projetos. Temos um



Habitação unifamiliar na Marinha Guincho

projeto em andamento, mas precisamos de agarrar outro enquanto esperamos pelo licenciamento, depois ele sai e temos de voltar a pegar... Em termos de planeamento é péssimo. O sistema tem de mudar, os arquitetos têm de ter um papel fundamental no processo. Só assim conseguiremos avançar. Filipa: Agora vamos ter uma transição interessante, com o Simplex. Passámos de ter um controlo e escrutínio máximo aos projetos, por parte das Câmaras Municipais, para uma coisa muito mais liberta, que ainda está em experimentação. Vai ser interessante ver como os ateliers se adaptam, vamos ter muito mais responsabilidades, mas estava a tornar-se insustentável a demora na análise de projeto por parte das Câmaras.

Como é o vosso processo criativo e que perspetivas têm para o futuro do atelier?

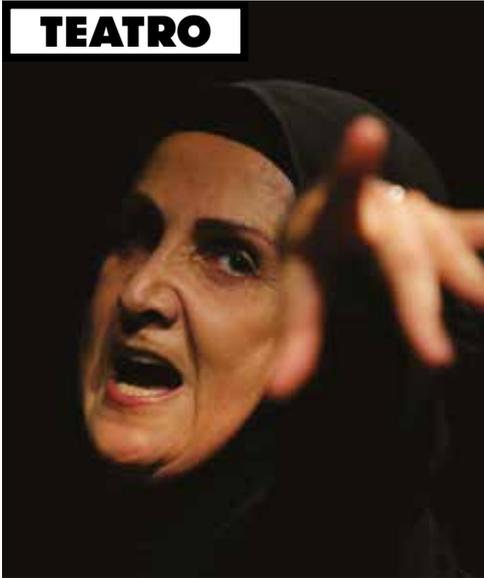
Francisco: Os projetos são feitos todos em conjunto, desde o conceito, onde prezamos muito a opcionalidade. O nosso core é residencial, neste momento, e gostamos de dar várias opções ao cliente para que tenha o melhor projeto possível, dentro daquilo que pretende, porque é ele que vai viver na casa. Um projeto não tem

uma solução, tem várias. Aconselhamos a opção que preferimos, mas damos sempre outras. Baseamo-nos nas características do terreno e passamos todos pela fase do conceito, depois envolvemos as especialidades. Apoiamo-nos muito um ao outro para tomar decisões, mas envolvemos muito a equipa também. Atualmente já temos um bom portfólio, somos 6 pessoas no escritório, o nosso objetivo é consolidar para crescer, sem ser demasiado rápido. Temos vindo a crescer gradualmente, o feedback dos nossos clientes é positivo, temos tido boa aceitação no mercado e pretendemos continuar a fazer bons projetos para ganhar alguma escala, mas acima de tudo dar atenção aos clientes. Filipa: Foi muito importante termos a experiência internacional, os contactos anteriores e os parceiros. A nossa vida profissional ajudou-nos na fase de implementação do atelier. Tem corrido bem, estamos a aceitar mais projetos e entusiasmados por poder entrar noutros setores. A Marina de Vilamoura vai dar-nos algum destaque, é uma requalificação importante que nos aproxima da expertise do tipo de trabalho que tínhamos dos ateliers grandes onde trabalhamos.

SUGESTÕES

Com o mês de julho chegam os dias mais longos e a vontade de estar fora de casa até mais tarde. Para ver e ouvir existem vários festivais de música, cinema ao ar livre, peças de teatro e exposições

TEATRO



Festival de Almada

Na edição de 2024 o Festival de Almada destaca: “Relative calm”, de Robert Wilson, que sobe ao palco do CCB a 12 e 13 de julho; “Sans tambour”, de Peter Brook, que será apresentado no Teatro Municipal Joaquim Benite a 9 e 10 de julho; e ainda “Além da dor”, de Alexander Zeldin, que valeu à Companhia de Teatro de Almada um Globo de Ouro e o prêmio de Melhor Espetáculo do Ano em 2022, em cena no Teatro Municipal Joaquim Benite entre 5 e 17 de julho. A peça mais votada pelo público o ano passado, com direito a regressar, foi “Jogging”, de Hanane Hajj Ali, que irá estar no Incrível Almadense de 5 a 7 de julho.

DE 4 A 18 DE JULHO

Vários espaços e Almada e Lisboa

TEATRO

Mulheres de Shakespeare

Embora relegadas para segundo plano, por contingências certamente mais sociais que dramáticas, as mulheres têm um papel importante na obra de Shakespeare. O autor inglês mostra-nos como influenciam, de forma marcante, as escolhas dos homens, que se assumem como centro de decisão e poder. Afinal, qual a relevância do espírito feminino na obra de Shakespeare e como se define num contexto assumidamente masculino que impedia as próprias mulheres de se apresentarem em cena? Recorrendo a uma única atriz, que convoca diversas outras personagens, a peça procura analisar esta questão.

DE 11 A 14 DE JULHO



São Luiz Teatro Municipal, Lisboa

TEATRO



Cicatrizes

Dois atores e duas atrizes estrearam, há vinte anos, uma peça chamada “Cicatrizes”. Agora querem voltar a fazê-la, mas eles já não são os mesmos. Os corpos já não podem representar o que já foram. Mas têm de arranjar recursos para voltar a fazê-la porque tinham-no prometido e promessas são promessas. A ação centra-se na vida de dois casais, um que ronda os 20 anos e outro os 40. Quer o destino que comecem a entrosar-se, mas brincar com o fogo deixa sempre cicatrizes... Teatro dentro do teatro, vida dentro da vida, sem limites aparentes.

Esta é uma produção do Teatro Carnide, uma companhia de teatro amador centenária e a mais antiga do país. Um drama urbano. Uma história dentro de outra história que não vai querer perder. A Direção de Produção é de Rita Martins.

ENTRE 18 E 21 DE JULHO

Espaço Bento Martins
(Junta de Freguesia de
Carnide), Lisboa

ARTES

ARTES



Tesouros na Palma da Mão

Esta exposição apresenta 240 peças, dos séculos XVIII e XIX, que revelam as curiosidades do fabrico de frascos de rapé, nas suas múltiplas formas e decorações, fruto da mestria dos artesãos chineses da dinastia Qing. Estes requintados objetos - fabricados em diversos materiais como minerais, cerâmica, vidro soprado, marfim ou laca - eram concebidos para conter tabaco ou para cheirar rapé, que teria inúmeras propriedades medicinais.

A partir deste mês, é possível ver, na exposição permanente “Presença Portuguesa na Ásia”, a obra rara Aquamanil “Caquesseitão”, do qual não se conhecem mais do que 10 exemplares.

ATÉ 1 DE SETEMBRO

Museu do Oriente, Lisboa

ARTES

Cidade, Casa, Corpo - Os Mapas e a Linguagem

Esta exposição cruza os desenhos de Ana Aragão com os textos originais de Gonçalo M. Tavares. Do desenho do mapa vêm as mesmas linhas que desenham a cidade, a casa e depois o corpo. O traço que escreve é também o mesmo. Tudo o que é abstrato pode chegar - via desenho, pintura e linguagem - ao mundo do concreto. Dos textos de Gonçalo M. Tavares partirão ideias mentais que rapidamente ficarão concretas e visuais pela arte de Ana Aragão. Texto dentro do desenho, desenho dentro do texto. A relação entre o desenho do mapa e as artes, a poesia, a literatura. Mapas criativos e mapas que pensam.

ATÉ 29 DE SETEMBRO



Casa da Arquitectura, Porto



ARTES

60 Anos da Galeria 111

Aos 35 anos, Manuel de Brito conseguiu realizar o sonho de ter um lugar onde as pessoas pudessem ver arte (sobretudo obras de artistas em início de carreira), ouvir música e ler livros. 60 anos depois da abertura da Galeria 111, uma exposição vai assinalar a data especial através da exibição do trabalho de duas artistas que foram, e continuam a ser, uma referência no percurso da instituição: Paula Rego e Lourdes Castro. E nesta data marcante, a exposição na galeria será acompanhada por uma outra mostra retrospectiva destes 60 anos de história, no Centro de Arte Manuel de Brito (CAMB), onde se exibirão mais de 200 obras da coleção privada, e quase todos os artistas, que estiveram presentes em algumas das exposições mais importantes da Galeria 111, ao longo destes anos.

ATÉ 3 DE AGOSTO

Galeria 111 e Centro de Arte Manuel de Brito, Lisboa

MÚSICA



Tardes de Jazz 2024

TERÇAS E QUINTAS-FEIRAS DE JULHO NO MIRAJAZZ, PORTO

Ao longo do mês, no Porto, os concertos iniciam-se às 18:30 e convidam a sentar e escutar. Do alinhamento das “Tardes de Jazz” fazem parte: Querelle (2), Carapanã Jazz (4), Sofia João (9), Jézzpacito (11), Duospiro (16), Elisa & Guga (18), Bossa Amiga (23), 2 em Diante (25) e Jazz na Mooca (30).

Jardins do Marquês

ENTRE 5 E 10 JULHO NO PALÁCIO DO MARQUÊS DE POMBAL, OEIRAS

Este ano há mais uma edição do festival de Oeiras com vários nomes sonantes. Dia 5 de julho atuam Adriana Calcanhotto, Camané e Mário Laginha; no dia seguinte Kriol Kings e Tabanka Djaz; dia 7 é a vez de Patti Smith e para dia 10 de julho espera-se a subida ao palco de Djavan.



Músicas de uma Noite de Verão

DE 5 A 7 DE JULHO NA PRAÇA DE CAMPOLIDE, LISBOA

Um programa ao ar livre com música clássica, jazz e músicas do mundo tem tudo para ser um sucesso. Dia 5 haverá Noite de Ópera, Maria Tango e ainda Filipe Raposo com Paulo Lourenço e o Coro Ecce; dia 6 é a vez de Mário Laginha Trio; e dia 7 será ao som da Orquestra Sinfonietta de Lisboa que terminará o festival.

The Cult

DIA 17 DE JULHO NO COLISEU DOS RECREIO, LISBOA

De regresso a Portugal, para apresentação da digressão europeia “The 8424 Tour”, The Cult celebram os 40 anos da banda com a apresentação dos principais temas de pós-punk, hard rock e experimentalismo que derrubaram barreiras e imprimiram uma marca permanente na música moderna.



DANÇA

Território VII

Este ano, o Teatro Carlos Alberto é o palco escolhido para “Território”, um programa dos Estúdios Victor Córdon que proporciona a jovens bailarinos de todo o país uma experiência de trabalho com dois coreógrafos de dimensão internacional. Esta edição junta o bailarino e criador britânico Akram Khan, uma das figuras cimeiras da dança mundial, e o norte-americano Jermaine Spivey, atual artista associado da Opera Ballet Vlaanderen. O programa propõe a montagem de “Kaash”, a peça que confirmou o génio artístico de Akram Khan, criada em colaboração com o músico Nitin Sawhney e o artista plástico Anish Kapoor. O espetáculo integra ainda a curta-metragem vencedora do prémio “Território/Estúdios Victor Córdon”, na categoria de Melhor Realizador Português.

DIAS 19 E 20 DE JULHO

Teatro Carlos Alberto, Porto



Festivais de Verão

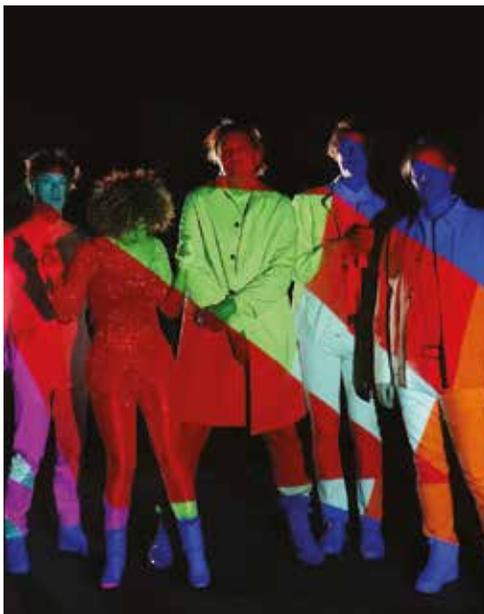
Dispensam apresentações e os cartazes têm vindo a ser divulgados nos últimos meses, por isso não seremos exaustivos em relação aos festivais deste verão. Lembramos apenas os principais, que decorrem este mês, e alguns nomes mais sonantes: Sumol Summer Fest, na Costa de Caparica; Nos Alive, no Passeio Marítimo de Algés, em Oeiras (cabeças de cartaz Arcade Fire, Dua Lipa, Pearl Jam); Super Bock Super Rock, na Herdade do Cabeço de Flauta, no Meco; Meo Marés Vivas (destaque para James Arthur e Snow Patrol), em Vila Nova de Gaia; e Festival Músicas do Mundo, em Sines e Porto Covo. **DURANTE O MÊS DE JULHO**

Cooljazz

Este ano celebram-se 20 anos de Cooljazz. Um cartaz de luxo, espalhado por várias noites do mês de julho, conta com artistas de renome, mas também com as novidades mais frescas do panorama musical. Num ambiente intimista, o público é convidado a ouvir música, viver histórias, sentir a natureza e o verão. No dia 9 de julho sobem ao palco Air e Lana Gasparotti; dia 10 Chaka Khan e Morcheeba; a 19 Dino D'Santiago e Maro; a 26 Diana Krall e no dia seguinte Marina Sena e Luedji Luna. No dia 30 de julho teremos Fat Freddy's Drop e Expresso Transatlântico; e Jamie Cullum encerra o festival, dia 31.

DE 1 A 31 DE JULHO

Hipódromo Manuel Possolo, Cascais



Vários locais do país



Cinema ao ar livre

A temporada do cinema ao ar livre está de regresso com propostas muito aliciantes. A Cine Society irá exhibir filmes no Carmo Rooftop e na Doca da Marinha, com vistas incríveis para a cidade e para o Tejo. Consulte a programação em www.cinesociety.pt. Até 13 de julho, nos jardins da Quinta das Conchas, o Cineconchas promete igualmente momentos memoráveis. Programação disponível em www.cineconchas.pt/2024. No Palácio do Grilo e na Igreja da Graça também serão exibidos filmes, até final do mês, com a garantia da Black Cat Cinema. A lista pode ser consultada em www.tickettailor.com/events/blackcatcinema. E as projeções 35 mm na Esplanada (Bar 39 Degraus) da Cinemateca Portuguesa regressam nas noites de sexta-feira e sábado. Veja a programação no site da Cinemateca. **DURANTE O MÊS DE JULHO**

Vários espaços de Lisboa

MOÇAMBIQUE

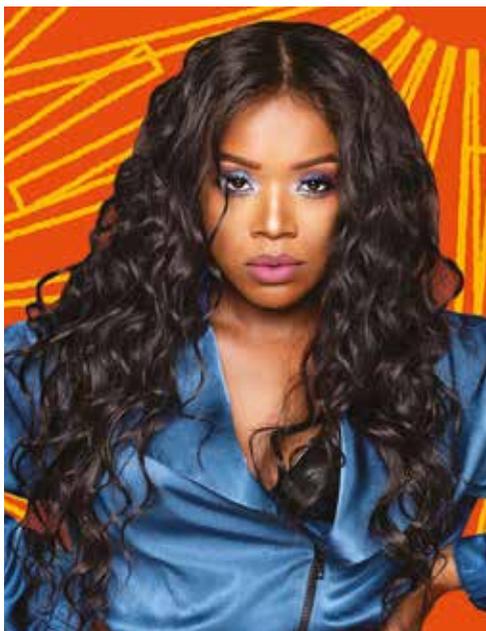
MÚSICA

Anna Joyce

Centro de Conferências
Joaquim Chissano, Maputo

A artista angolana que goza de maior popularidade atualmente, Anna Joyce, atua em Maputo para celebrar 10 anos de carreira. Num concerto inédito de apresentação do novo álbum, a artista promete um espetáculo único onde vai defender, em palco, todos os êxitos que marcaram a sua primeira década de trabalho e surpreender com os novos temas. Nesta festa, não vão faltar ainda convidados especiais e vários DJ's.

DIA 19 DE JULHO



MÚSICA



Lhamula

- Mhaka Ya Mina

Pavilhão do Estrela Vermelha,
Maputo

Este é um evento imperdível para os amantes de música gospel. "Lhamula - Mhaka Ya Mina" promete ser um espetáculo grandioso, que junta alguns dos mais talentosos artistas do género, como Luís Chambule, Clamélia Macarringue, Felisberto Manhiça, Mandeley Nhatelo, Uchenna, Lerat, Raimundo Sive, Barrane, Brother Simão, Julinha e Tchatchus. O gospel é um estilo de música predominantemente religiosa, mas há muito que saltou do berço humilde e cristão para um mercado bem mais vasto e tem em Moçambique uma grande legião de fãs. **DIA 20 DE JULHO**

EUROPA

ARTES

Agora vêm-nos 1520 - 1920

Tate Britain, Londres

Abrangendo 400 anos e mais de 150 obras, esta exposição acompanha o percurso de várias mulheres, dos tempos Tudor à Primeira Guerra Mundial, que lutaram pela igualdade de acesso à formação artística, quebrando fronteiras que afastavam as mulheres do mundo da arte. Determinadas a ter sucesso, e recusando ficar encurraladas por estereótipos, pintaram ousadamente, desafiando as expectativas da sociedade. Artistas como Mary Beale, Angelica Kauffman, Elizabeth Butler e Laura Knight abriram um novo caminho para as gerações seguintes, tendo carreiras comerciais como artistas e participando em exposições públicas.

ATÉ 13 DE OUTUBRO



ARTES



Banda Desenhada 1964 - 2024

Centre Pompidou, Paris

Através desta exposição embarcamos numa fascinante viagem pela história da banda desenhada. O Centre Pompidou celebra a chamada 9ª arte em todos os seus espaços, numa grande exposição que possibilita a imersão em múltiplos universos, que vão das linhas claras franco-belgas aos mangas japoneses, da abundância gráfica do underground aos estilos contemporâneos mais abstratos. A mostra destaca a diversidade, apresentando grandes conjuntos de placas, desenhos de capa, cadernos de desenho e elementos documentais. Quer seja um apaixonado por banda desenhada, ou apenas curioso, esta exposição é uma experiência única.

ATÉ 4 DE NOVEMBRO

PARA LER

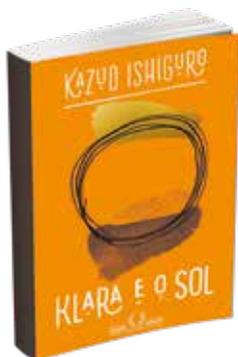


Trilogia do Baztán Dolores Redondo

Este é um thriller viciante que os amantes do gênero romance negro não vão querer perder. No primeiro livro da trilogia, “O Guardião Invisível”, é encontrado um cadáver de uma adolescente, nas margens do rio Baztán, que posteriormente é relacionado com um homicídio ocorrido na região, meses antes. O segundo livro é diferente. Em “Legado nos Ossos” ciência e superstição cruzam-se numa corrida contra o tempo. E no último livro, “Ofrenda à Tempestade”, a autora faz um desfecho surpreendente desta fabulosa trilogia. Uma história plena de mistério, lendas e personagens cativantes que se empenham para descobrir a verdade.

Klara e o Sol Kazuo Ishiguro

Do local onde está exposta, Klara, uma androide com notável capacidade de observação, vê com atenção o comportamento dos que entram na loja para apreciar os artigos e dos que passam na rua e se detêm a olhar as montras. Acalenta a esperança de entrar um cliente que a escolha, mas, quando surge a possibilidade das suas circunstâncias se alterarem para sempre, Klara é aconselhada a não se fiar muito nas promessas dos seres humanos. Através do olhar de uma narradora surpreendente, Kazuo Ishiguro contempla o mundo moderno, em permanente transformação, para compreender uma questão fundamental: o que significa amar?



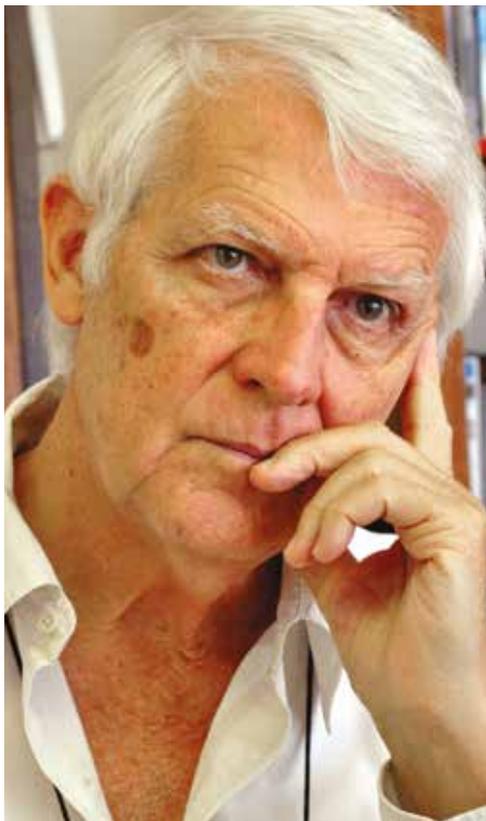
VIAGEM

Malásia

A Malásia é um país multicultural com uma paisagem feita de contrastes. Certamente voltarei para conhecer outras regiões mas, por agora, só posso falar da agitada Kuala Lumpur e da pitoresca Malaca. Como a maioria das grandes cidades asiáticas, Kuala Lumpur está inundada de pessoas e trânsito. Percorrer as ruas mais movimentadas do centro é uma experiência intensa. Na parte moderna da capital encontra-se o seu ex-libris, as Torres Petronas, dois dos arranha-céus mais altos do mundo. Surpreendentemente, é possível sentarmo-nos na grande praça, em frente aos imponentes edifícios, a contemplá-los com toda a tranquilidade, preferencialmente à noite, quando as torres estão iluminadas.

Edifícios modernos à parte, Kuala Lumpur tem várias casas coloniais coloridas; a praça Merdeka, onde se encontram os principais edifícios históricos da cidade e a charmosa mesquita Masjid Jamek; Kampung Baru, um dos bairros mais antigos da capital, com casas de madeira; e os animados bairros de Chinatown, onde as ruas estão ocupadas por um mercado interminável, e Little India, repleta de cheiros intensos. Merecem também uma visita o Perdana Botanical Garden, o Butterfly Park, assim como as Batu Caves, um templo hindu muito impressionante, a 15km da cidade.

Depois de sentir o espírito da capital, nada como uma viagem ao local onde ainda restam vestígios portugueses. Com uma rica herança cultural, que se reflete na arquitetura, na gastronomia e nas tradições, Malaca é uma cidade muito acolhedora. Da presença portuguesa restam a Igreja de São Paulo e a Porta de Santiago, conhecida como “A Famosa”, mas Malaca tem também muitos museus; o templo Cheng Hoon Teng, o mais antigo da Malásia; e a mesquita de Kampung Kling.



O Homem Grande

O Zé Forjaz partiu, o grande Arquitecto Moçambicano. Ficámos mais pobres.

Nesta edição do Artes&Letras temos de lembrar o Zé Forjaz, que era muito amigo do meu pai. Andaram na tropa juntos, foram companheiros de armas e de convicções na oposição ao regime, antes do 25 de Abril. Pertenciam a uma elite cultural e intelectual que existiu em Portugal sem nenhuma dependência do regime, antes pelo contrário. Viram filmes parecidos, os mesmos autores literários, apreciavam e conheciam a arte contemporânea nas suas várias dimensões, da pintura à fotografia... Pertenceram a uma geração que acreditava na mudança e queria muito a Liberdade que hoje é de todos nós. Eu conheço o Zé Forjaz desde que me conheço. Nasci em setembro de 1962, o meu pai estava em Tancos com Zé Forjaz e quis vir a Lisboa ver o filho. Dirigiu-se ao oficial de dia pedindo permissão para ir à capital e pediu para levar o “motorista”



(Zé Forjaz). Ouvi esta história dezenas de vezes, contada pelo meu Pai ou pelo Zé Forjaz, e eu, com muito orgulho, a repeti centenas de vezes em Moçambique, sempre que o nome do Zé vinha à baila. Na minha infância e adolescência, quando vinha a Portugal, ia sempre a casa dos meus pais. Era a única pessoa que eu conhecia em Maputo. Aí apercebi-me da sua dimensão como Arquitecto e como vivia a Arquitectura. Não estava só à frente do Homem Grande, amigo do meu pai, mas conheci ali a sua dimensão de Grande Homem. Moçambicano de coração, o Zé foi dos que esteve ao lado dos que lutaram pela Independência. Foi Director Nacional de Habitação, a seguir à Independência, e posteriormente Secretário de Planeamento Físico, num dos Governos do Presidente Samora Machel, sempre empenhado na construção do País. Estudou no Porto, onde se formou em Arquitectura e tirou depois o Mestrado em Arquitectura na Universidade de Columbia, nos EUA. De volta a África abre escritório na Suazilândia e depois no Botswana. Em 1974 vai para Moçambique e, após os cargos governamentais, inicia o seu gabinete de Arquitectura José Forjaz-Arquitectos. Foi



Salão de Banquetes da Presidência da República de Moçambique, Maputo

Professor convidado em várias Universidades, nomeadamente EUA, Portugal, Itália e Japão. Em 1985 o Zé Forjaz é encarregue pelo Governo de Moçambique de fazer a Faculdade de Arquitectura, que dirigiu durante dezenas de anos, uma tarefa hercúlea à qual dedicou grande parte da sua vida. Nesta dimensão podemos dizer que o Zé é o “Pai” de centenas de Arquitectos Moçambicanos que hoje o choram. Nos últimos 25 anos, em Moçambique, tive muitas conversas com o Zé, mais na casa dele ou no seu escritório do que na minha. Um homem empenhado, inteligente, preocupado com o País e sempre com a Arquitectura como pano de fundo. Ser Arquitecto não era só uma profissão, era uma espécie de missão. Não sou um perito em Arquitectura, mas vi na sua arte e na sua prática sempre uma preocupação com a funcionalidade, uma arquitectura desenhada de dentro para fora, uma preocupação brutal com o custo, os materiais, o consumo energético, o ensombramento, a ventilação cruzada... Aquilo que hoje chamam construção sustentável, o Zé praticou toda a vida. Moçambique era um País de pouco e a sua Arquitectura respeitava muito essa condição. Aprendi com ele a prática de uma dimensão ética da Arquitectura, que está presente nas suas obras. A ostentação nunca fez parte da sua prática. Deixa-nos o Zé muito legados, as suas obras, a sua dimensão ética,



Sede do BCI, Maputo

o seu exemplo de luta pelas suas convicções... Devemos-lhe muito, todos os que convivemos com ele, e Moçambique tem também uma dívida de gratidão com este cidadão excepcional. A Betar trabalhou muito com o Zé Forjaz e a sua equipa, particularmente o nosso sócio Sérgio Mártires, que muito lamenta a sua partida. Para mim, o Zé teve uma importância determinante no meu percurso e da Betar em Moçambique. Em 1996, quando aterrei em Maputo, a primeira coisa que fiz foi ir ter com o Zé Forjaz ao seu gabinete. A recepção foi simpática ao ver aquele homem, que conhecia desde o primeiro dia de vida mas, ao saber ao que vinha, disse-me que não era fácil ter trabalho em Moçambique, que não devia ser um País para os estrangeiros explorarem. Lembro-me de ter chegado à noite ao hotel profundamente desanimado e perguntando-me “o que vim eu e a Betar para aqui fazer?”

Passaram 28 anos, tenho a minha casa, uma parte importante da minha vida nesse País. Eu e a Betar temos feito muitos projectos relevantes, sempre com um enorme empenho para com o País, com ética e respeito pela profissão que o meu Pai e a Betar me ensinaram. Se calhar nada disto teria sido assim, sem aquela conversa com o Zé, que acabou por me motivar a provar ao Homem Grande que conseguiria. Muito Obrigado Homem Grande. Muito Obrigado Grande Homem. Até Sempre

B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

HYATT REGENCY

Hyatt Regency, Lisboa